

Entre nós e as palavras: a simetria e o sinónimo vistos sob à luz da perspectiva interdisciplinar

Isabel Delice Gomes Macedo¹

Maria José de Pinho²

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira³

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão em torno de atividades do livro “Multiversos Linguagens: cidade em pauta” (2020) da Editora FTD, usado em escolas do Ensino Médio do Estado do Maranhão. A análise em questão tem como objetivo identificar, a partir do *corpus*, quais relações são possíveis de serem traçadas à luz da interdisciplinaridade. Ao observarmos a dinâmica proposta no material, nos deparamos com a perspectiva linguística (área de linguagens), com a leitura e interpretação verbal e imagética, mas identificamos noções para além do que está disposto, são linhas flexíveis e rizomáticas, quanto aos conceitos de simetria, sinonímia e filosofia. Por ser uma pesquisa bibliográfica, que parte de uma análise documental, tomamos como norte teórico autores como Deleuze e Guattari (2010), Fazenda (2003), Ferrarezi Jr. (2008), entre outros. Assim, traçamos novos pressupostos para além do modelo rígido presente no Livro Didático em uso, trazendo possibilidades de individuação do estudante a partir do estudo que inicia em sala de aula.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Livro Didático. Ensino Médio.

Between us and words: symmetry and synonymy seen through the lens of an interdisciplinary perspective

Abstract: This article proposes a reflection around activities from the book “Multiversos Linguagens: Cidade em Pauta” (2020) by Editora FTD, used in high schools in the State of Maranhão. The analysis in question aims to identify, from the corpus, which relationships are possible to be traced in the light of interdisciplinarity. When observing the dynamics proposed in

¹ Mestra em Letras, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLE), da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Graduada em Letras Língua Portuguesa e Literaturas, pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Atualmente é doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0002-9693-6502>. E-mail: deliceisabel@gmail.com

² Pós-Doutorado em Educação pela Universidade do Algarve-Portugal e Doutorado em Educação e Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Titular (classe E), na Universidade Federal do Tocantins (UFT). ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0002-2411-6580>. E-mail: mjpgon@uft.edu.br

³ Pós-Doutorado em Letras (Terminologia Gramatical e Ensino de Língua Portuguesa), pela Universidade da Beira Interior. Pós-doutorado em Letras Clássicas (Latim), pelo Laboratório de Letras Clássicas da Universidade Federal da Paraíba e doutorado em Letras (Letras Clássicas), pela Universidade de São Paulo. Professor na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0002-7412-890X>. E-mail: peel@ufnt.edu.br

the material, we come across the linguistic perspective (area of languages), with textual and imagery reading and interpretation, but we identify notions beyond what is stated, they are flexible and rhizomatic lines, regarding the concepts of symmetry, synonymy and philosophy. As it is a bibliographical research, which starts from a documentary analysis, we take as theoretical guide authors such as Deleuze and Guattari (2010), Fazenda (2003), Ferrarezi Jr. (2008), among others. Thus, we outline new assumptions beyond the rigid model present in the Textbook in use, bringing possibilities for student individuation based on the study that begins in the classroom.

Keywords: Interdisciplinarity; Textbook; High School.

Introdução

Na poesia Parnasiana, há o que podemos chamar de versos que expressam a busca pelo sentido da existência humana. A arte pela arte era demonstrada, via de regra, pela perfeição estética. Essa estética e/ou forma torna-se mais importante que o conteúdo; a beleza era fatal, pois a busca era quase como em uma relação simétrica – aqui voltamos aos preceitos/conceitos matemáticos ou melhor, numéricos – para explicar a procura pelo que era milimetricamente tido como belo.

A simetria é um termo usado, de maneira ampla, no âmbito da matemática, física, mas também nas artes e, mais a frente, veremos que as ocorrências se não somente nessas áreas. A fim de propor uma correspondência equilibrada, proporcional, quase que perfeita, entre as partes de um objeto, fazer divisões iguais, proporcionalmente. Era quase como um reflexo que vemos em um espelho e consideramos igual a forma original; assim, estamos trabalhando em cima do conceito do que é simétrico. A uniformidade é o que dá o tom.

Esse tom, em uma métrica (parnasiana) e rima, são indicados neste breve estudo, o qual se propõe a relacionar a premissa do Parnasianismo (literário), com nuances que permeiam o conceito semântico do fenômeno da sinonímia (linguística), a fim de indicar se é possível, via perspectiva interdisciplinar, traçar rizomas entre a simetria parnasiana, o eixo sinonímico e outras disciplinas, como filosofia e arte. Essas reflexões ancoram-se entre nós e as palavras, a partir do *corpus* “Multiversos Linguagens: cidade em pauta”, de Campos et al. (2020), Livro Didático em uso no estado do Maranhão, em escolas do Ensino Médio, da Editora FTD.

O interesse por esta perspectiva de análise, a partir do Livro Didático, surgiu durante o estudo e discussões em torno da disciplina de **Fundamentos em interdisciplinaridade, práticas educativas e saberes na formação docente**, ministrada no Curso de Doutorado, do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLit), na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), a fim de perceber de que maneira os docentes podem mediar a aprendizagem em sala de aula a partir de eixos diversos.

Com uma abordagem metodológica bibliográfica e documental, traçamos rizomas a partir do conteúdo didático, por meio de uma análise qualitativa, possibilitando novas formas de pensar na atuação docente com os estudantes no ambiente escolar.

O primeiro acorde harmônico: o ciclo simétrico

Cyclo

Manhã. Sangue em delírio, verde gomo,
Promessa ardente, berço e limiar:
A árvore pulsa, no primeiro assomo
Da vida, inchando a seiva do sol...Sonhar!

Dia. A flor, - o noivado e o beijo, como
Em perfumes um thalamo e um altar:
A árvore abre-se em riso, espera o pomo,
E canta á vóz dos pássaros...Amar!

Tarde. Messe e esplendor, gloria e tributo;
A árvore maternal levanta o fruto,
A hóstia da ideia em perfeição...Pensar!

Noite. Oh! saudade!... A dolorosa rama
Da árvore afflicta pelo chão derrama
As folhas, como lagrimas...Lembrar!

(BILAC, 1919, p. 12-13)

Mais que as características principais, o conceito em torno do “sentir o belo”, ou melhor, “sentir-se belo”, continua a reverberar. Se Alberto de Oliveira (1857-1937) era o mestre da estética, considerado o mais perfeito dos poetas parnasianos, o esmero é uma das suas marcas, em “*Cyclo*” (1919), que faz parte do livro “*Tarde*”. O autor contextualiza sobre a vida que vivemos, desde o nascimento até a morte, fala do cotidiano.

O ciclo da vida inicia com o nascimento, o que podemos em um jogo semântico voltado para a sinonímia, chamar de ‘manhã’, como no poema; se o ‘dia’ pode ser visto como o nascimento, a juventude e vivência da fase adulta do indivíduo podem ser associados como o período da ‘tarde’; já a ‘noite’, pode ser associada a uma relação intertextual com a morte, por exemplo, finalizando o ciclo de vida do indivíduo.

O poema traz ao final de estrofe uma expressão que releva um rememorar de cada fase da vida. Um eu-lírico que transita e traz nos versos um ideal, iniciando com o “sonhar”, que vem com a manhã e a infância; o “amar” com o dia e a juventude; “pensar” é a tarde, a fase adulta, o amadurecimento; e o “lembrar” é noite, a velhice, o tempo vivido.

Esse rememorar é presentificar o sentido, há uma presentificação, conforme Deleuze (2010) indica. São rizomas que dão possibilidades de novas compreensões quando trazidos à tona. Assim como em “*Cyclo*”, de Olavo Bilac, os parnasianos traziam à superfície temas baseados na realidade, como: objetos e paisagens, fatos históricos, mitologia grega e cultura clássica, além da presença de elementos religiosos, métrica e versos e, ainda, uma capacidade descritiva capaz de fazer com que quem lesse, sentisse de fato a sensação, tal qual àquele que escreveu, como, mais uma vez, propondo um sentido presentificado.

A análise nos é plausível, mas qual a equivalência entre nós e essas palavras? Quais os nós? Desatemos, então. O jogo semântico foi colocado a prova, mas além desse, o literário e o artístico também, mesmo que de maneira breve, mas intencional, a fim de propor reflexões rizomáticas em torno do tema proposto. Mas, e o *corpus*?

Primeiramente, é importante esclarecermos do que tratam os rizomas, visto que esse termo e derivações serão utilizados para exemplificar as possibilidades encontradas no decorrer desta análise. Sob a ótica filosófica, é importante que pensemos em uma planta, mas não uma qualquer, uma árvore. A estrutura de uma árvore é composta por caule, galhos, folhas e raízes.

Assim, podemos pensar que essas raízes são possibilidades de conhecimento, que se expandem em nossa mente. Cada vez que a árvore cresce e se expande, ela precisa estar fixa e sustentada em suas raízes para não cair. Reflexões rizomáticas, nesta perspectiva, são “[...] princípios de conexão e de heterogeneidade: qualquer ponto de um

rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 22). Parafraseando, um rizoma/conhecimento pode conectar-se a outros em contextos e cenários distintos.

Dessa forma, na página 62 do Livro Didático “Multiversos Linguagens: cidade em pauta” (2020), há o início da discussão sobre “A representação da burguesia na Arte”. Assim, falaremos com mais detalhes na próxima sessão, a fim de desatar o primeiro dos nós e costurá-los então.

Quem com nó amarra, com ele será escrito ou pintado

“Um país que se urbaniza” é o tema da segunda sequência (capítulo), de três, do Livro Didático (LD) “Multiversos Linguagens: cidade em pauta” (2020). Ao tratar dos mais variados processos de urbanização, traz no decorrer do capítulo 4 subtemas a serem trabalhados em sala de aula com estudantes do Ensino Médio.

O segundo subtema e ponto central desta breve análise rizomática, está apresentado na figura a seguir:

Figura 1 – Subtemas da segunda sequência do LD “Multiversos Linguagens: cidade em pauta”

A representação da burguesia na Arte | 62

O valor afetivo dos objetos *Cena de família* de Adolfo Augusto Pinto, José Ferraz de Almeida Júnior (Pintura) | 62

Pensar e compartilhar | 63

Elementos da linguagem visual:

composição e simetria | 65

Pensar e compartilhar | 65

A composição neoclássica *O juramento dos Horácios*, Jacques-Louis David (Pintura) | 66

Pensar e compartilhar | 67

#paraexplorar • A simetria das coisas | 68

A música em casa e a música das ruas

“Ó abre-alas”, Chiquinha Gonzaga (Música) | 69

Pensar e compartilhar | 70

#nósna prática • Paródia musical | 71

Fonte: Campos et al. (2020)

Ao tratar da “[...] representação da burguesia na Arte”, Campos et al. (2020) traz à tona no detalhamento do sumário, palavras como “afetivo” e “simetria”, essas podem ser amarradas aos aspectos do parnasianismo, traçando, assim, uma relação entre disciplinas: arte, linguística, literatura e a matemática. Sim, os números e letras são entrelaçados, mesmo que de maneira sutil, e essa representação é iniciada com a explicação do que trata o tema a ser estudado.

Conforme Campos et al. (2020, p. 62) “A burguesia, nova classe social que se organizou nas cidades do Brasil, desejava também se ver representada nas produções artísticas do tempo”. A pintura faz com que o mundo seja sentido, por meio de afetos e perceptos.

Por afetos e perceptos (o que fica em nós; a forma que somos afetados por outras pessoas e pelo meio o qual estamos inseridos) entendemos que eles ocorrem a partir de agenciamentos, esses mais uma vez vistos à luz da perspectiva filosófica. Sempre que produzimos algo, lemos um texto por exemplo, somos afetados em alguma medida, pois existe uma troca, um diálogo.

Ao agirmos sobre algo presentificado no mundo, reagimos sobre essa mesma coisa de maneiras infinitas, ou seja, afetamos e recebemos afetos (perceptos). Deleuze e Guattari (2010, p. 193) afirmam que “o que se conversa, a coisa ou a obra de arte, é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos”.

Essas reações, via agenciamentos, fazem com que a partir do que fica em nós, acumulemos sensações, emoções, sentimentos; e o sentir individual, fazendo com que nós nos percebamos como indivíduos atuantes no/sobre o mundo.

Figura 2 – *Cena de Família de Adolfo Augusto Pinto, 1891, de Almeida Júnior*



Fonte: Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo/Brasil

A pintura representa uma família; trata-se de um casal e seus filhos em um ambiente familiar, neste caso, a sala de estar. Conforme Gomes (2015, p. 437),

Nesta tela, Almeida Júnior representa a família do engenheiro, mostrando a intimidade da família que desfruta de um momento de reunião com seus integrantes. No quadro, estão retratados o patriarca e a senhora Generosa Liberal Pinto, junto a cinco crianças.

O engenheiro, nesta pintura, é Adolfo Augusto Pinto. A vivência de uma cena de família pode ser um espelho do que somos nós, em nossos momentos mais íntimos com àqueles que temos como família. Mais que uma pintura, um retrato, uma representação individual; a subjetividade é vista à luz do interior familiar, ou o que poderíamos chamar sob o eixo sinonímico de ‘lar’.

Assim como os parnasianos, há neste momento a busca pelo belo por meio de detalhes descritos minuciosamente, e este caso (pintura) não foge à regra. Assim, podemos mencionar que há no registro:

Sentado confortavelmente em uma cadeira próxima ao piano, observamos a figura de Adolfo Augusto Pinto, o patriarca da família. Ele sustenta em suas mãos um periódico, com o título “Revista de Engenharia”, um atributo que alude a sua profissão de engenheiro, no

qual se concentra na leitura; sua vestimenta é bem alinhada, em um tom negro sóbrio. Ao seu lado esquerdo, recai sobre o braço da cadeira uma espécie de capa ou coberta felpuda de uma cor ocre amarelada, que acolhe o repouso de um cachorro de pelo preto, ofuscado pelos demais tons escuros ao seu redor. À sua direita, um garoto de pé folheia um livro, possivelmente um álbum de fotografia, este se encontra sobre uma peça do mobiliário, que não conseguimos identificar devido ao tecido que o encobre. No sofá de tonalidade vermelha, posicionado ao fundo da cena, a esposa e mãe “prendada” ensina à filha o ofício da costura, tendo uma peça de bordado em suas mãos, da qual a educanda observa com afínco a instrução; o tecido branco costurado pela matriarca recai como uma cascata em direção às crianças sentadas no chão sobre o tapete de estampa persa. A primeira localizada à esquerda do quadro próxima ao sofá brinca com um bebê, o caçula da família, que parece direcionar o olhar ao pai. A criança a seu lado, por sua vez, projeta seu corpo para frente, apoiando sua mão direita sobre o tapete e volta seu olhar à ação do irmão concentrado nas fotografias. Próximo a estas crianças, no canto inferior esquerdo do retrato, identificamos alguns brinquedos esquecidos pelas crianças, uma boneca e um chocalho dourado, dispostos sobre o tapete e no assoalho de madeira, assim como a caixinha de costura que, ao lado da boneca, se mantém com a tampa aberta; próximo a ela, avistamos alguns recortes de tecidos e uma tesoura de ferro com a lâmina aberta.

Há ainda outras (muitas) informações que podem ser detalhados, mas que por conta do tempo, traremos apenas as nuances, tais como: a luz no canto esquerdo; os reflexos das folhagens nos vidros; os padrões da burguesia que são relevados pela estética; a divisão de gêneros, homens e mulheres com papéis marcados; hierarquia familiar, dentre outros perceptos.

Ao voltarmos ao LD em uso nas salas de aulas, percebemos que os apontamentos feitos propõem uma discussão em torno do “[...] valor afetivo dos objetos”, bem como as formas de sentir o mundo a partir da pintura e conceituação do que era a burguesia. Alguns questionamentos são lançados para os estudantes a fim de que pensem sobre aquilo que nos afeta e a maneira como guardamos os perceptos. Dentes as questões lançadas, seguem algumas:

1. Converse com seus familiares sobre os objetos que possuem valor afetivo para você e para sua família e relembre as histórias associadas a cada um deles.
2. Selecione um objeto especial para você e peça autorização para apresentá-lo aos colegas da sua turma no dia previamente combinado.
3. Em uma roda de conversa, compartilhe com a turma seu objeto e a(s) memória(s) que ele representa para sua família.

4. Observe se outro estudante trouxe um objeto similar ao seu, mas que represente uma memória diferente da sua.
5. Observe também se algum estudante compartilhou uma memória similar à sua, mas baseada em um objeto diferente (CAMPOS et al., 2020, p. 62)

A fim de indicar a relação por meio desses agenciamentos e o tema proposto neste estudo, a burguesia, a “[...] pintura românica e realista” (CAMPOS et al., 2020, p. 62) faz com que nos redirecionemos ao tempo proposto, presentificando, mais uma vez, o sentido da atividade. O Livro Didático traz algumas sugestões em torno da interpretação da pintura, que pode recair sobre o literário e semântico e que, recairá, sobre o simétrico.

Dentre as sugestões, uma perspectiva voltada para o “olhar”, o “analisar” e o “refletir”, feitos sob à luz de mais perguntas, que pressupomos que serão feitas aos alunos em uma discussão mediada pelo professor. Os questionamentos giram em torno de palavras-chave como: “intimidade”; “família”; “hábitos”; “valor afetivo”; “memória”; “contexto”.

“A representação da burguesia na Arte” é ponto inicial para as linhas flexíveis que recaem sobre “o valor afetivo”, com nuances no olhar, na análise e na reflexão, com o detalhamento de “elementos da linguagem visual: composição e simetria” (p.65).

Figura 3 – Detalhe da obra *Cena de família* de Adolfo Augusto Pinto, de ALMEIDA JÚNIOR, J. F. 1891



Fonte: Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo/Brasil, adaptado por Campos et al. (2020)

Os autores do Livro Didático (LD), mesmo sem sinalizar de maneira expressiva, nos colocam diante do eixo interdisciplinar. A burguesia retratada na pintura, ancora-se no eixo da arte; no literário, por termos a possibilidade de estabelecer relações com o Parnasianismo; com o simétrico, partindo da perspectiva matemática e, mais adiante, com o eixo linguístico, por meio da sinonímia.

Campos et al. (2020, p. 65) adaptando a pintura original para o LD, afirmam que:

Além de ocupar um lugar quase central na composição, a mãe ganha destaque na pintura ao ser emoldurada pelo sofá de veludo vermelho. Observe, na imagem, como é possível traçar um triângulo tendo como ponto inicial a cabeça dela, descendo em direção ao chão à esquerda, seguindo em uma linha reta que acompanha a linha do tapete até chegar próximo ao cachorro e ao pé da cadeira do pai à direita, subindo de volta à cabeça da mãe.

O subitem chamado de “olhar” é direcionado à pintura, visto a partir de dois questionamentos:

1. Dentro desse triângulo imaginário, estão representadas as figuras da mãe, das crianças e parte da figura paterna. O triângulo ocupa uma porção central da

composição. O que sugere essa disposição e esse modo de representar o núcleo familiar?

2. A mãe mostra seu bordado à filha. O corpo dela representa um eixo que divide o espaço em dois, marcado também pelo vaso com plantas acima de sua cabeça. Atrás dela, há elementos iguais em cada um dos lados. Quais são eles?

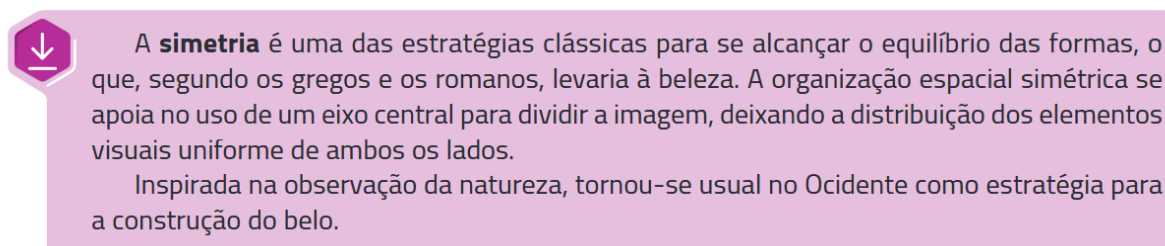
Questionamentos esses que auxiliam no tópico seguinte, o de análise, chamado de “analisar”. Esse é direcionado, também, por meio de uma terceira pergunta:

3. A mãe ocupa um lugar de destaque na composição; ela é o eixo desse triângulo. O que a posição em que foi colocada sugere sobre o papel da mãe na sociedade do século XIX?

No LD há o que os autores indicam como sendo um “triângulo imaginário” que em sua composição há uma simetria. Na matemática, os ângulos, tamanhos e formas são preservados quando há simetria. As figuras quando dispostas correspondem a perspectivas idênticas. Essa coincidência é vista não só por esse eixo, como já mencionamos; nas artes, o que fica quando há simetria, é uma harmonia, a beleza.

No próprio livro há um box explicativo, indicando do que trata o simétrico quando visto pela perspectiva do campo artístico:

Figura 4 – Box explicativo sobre simetria



Fonte: Campos et al. (2020)

Campos et al. (2020, p. 65) colocam a simetria a luz do “[...] equilíbrio das formas, o que, segundo os gregos e os romanos, levaria à beleza”, e, mais uma vez, percebemos que somos capazes de relacionar a pintura (figura 2) ao parnasianismo. O simétrico é

visto quando dentro do “triângulo imaginário” (figura 3) há pequenas sugestões de quais maneiras podemos ver e sentir o que está disposto na imagem.

Nosso olhar, na seção da atividade do LD, é direcionado a partir de dois questionamentos (Campos et al. , 2020, p. 65):

1. Dentro desse triângulo imaginário, estão representadas as figuras da mãe, das crianças e parte da figura paterna. O triângulo ocupa uma porção central da composição. O que sugere essa disposição e esse modo de representar o núcleo familiar?
2. A mãe mostra seu bordado à filha. O corpo dela representa um eixo que divide o espaço em dois, marcado também pelo vaso com plantas acima de sua cabeça. Atrás dela, há elementos iguais em cada um dos lados. Quais são eles?

As perguntas sugerem que os estudantes respondam sobre aquilo que estão vendo e não sobre o que sentem quando enxergam a pintura. Ver e enxergar podem habitar o estudo semântico quando colocados em perspectiva, mas a depender do contexto, traçam novos rizomas. No material didático, o que é solicitado aos estudantes é que identifiquem, quase como em um jogo de 7 erros, os itens dispostos na pintura.

Essa identificação é simetria, mas caso seja possível enxergarem outras possibilidades, podem ir além do conteúdo proposto, associando o simétrico matemático ao parnasiano. Nessa perspectiva, “[...] um dos objetivos da Educação Matemática é proporcionar ou, no mínimo, contribuir para que os alunos desenvolvam autonomia intelectual que os possibilite compreender melhor o mundo onde vivem” (LOPES, ALVES e FERREIRA, 2015, p. 554).

Mais que ver, mas enxergar a pintura e o mundo em que vivem, é fazer com que os estudantes sejam capazes de relacionar aquilo que estão aprendendo em sala de aula com as suas vivências. A simetria vai além do conceito matemático, mas ele é importante para compreender essas barreiras que, por hora, são rompidas, tanto que podemos chamá-las para essa discussão, mesmo que essa esteja, inicialmente, no âmbito da linguagem.

Em sala de aula, a simetria (parnasiana ou não) pode ser abordada a partir de conceitos sobre uma reta, essa é matematicamente falando, uma linha geométrica infinita, sem curvas, formada sempre por pontos. Há o chamamento de conteúdos como espaço,

plano ou mesmo a dimensão, e esses são rizomas estabelecidos a partir do assunto principal.

Assim como levantamos informações sobre o parnasianismo e como a busca pela estética perfeita relaciona-se com “A representação da burguesia na Arte” (CAMPOS et al., 2020, p. 62), podemos abrir mais possibilidades quando trazemos à tona a matemática. Podemos correlacionar os conteúdos, levantando mais questões sobre uma reta, essa que dará abertura para compreendermos o porquê existe o “triângulo imaginário” (Campos et al., 2020, p. 65) no Livro Didático (LD).

O conteúdo matemático sobre as retas é trabalhado no 6º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais e retomado no 8º ano, fazendo parte do conteúdo de geometria. Assim, já se torna um assunto que pode ser correlacionado entre turmas distintas, propondo um diálogo entre áreas que se relacionam (exatas e linguagens).

No LD *corpus* deste estudo, os autores afirmam que:

Esse **triângulo imaginário** reúne os elementos responsáveis pela harmonia familiar. Ele condensa a representação do espaço feminino da casa no contexto histórico daquele período e estrutura a **composição**, ou seja, organiza a distribuição das personagens no espaço da pintura. A repetição de elementos em ambos os lados da figura central é conhecida como **simetria**. Esse conceito é aplicado em diferentes áreas do conhecimento, sendo um recurso muito utilizado na Arte, principalmente na pintura acadêmica. No exemplo de Almeida Júnior, o eixo central é deslocado levemente para a esquerda, já que a personagem não ocupa exatamente o centro da pintura (CAMPOS et al., 2020, p. 65).

Os dados apontados nesta seção auxiliam na compreensão do motivo pelo qual existem possibilidades de ampliar o estudo sobre a área de linguagens, o qual a atividade do Livro Didático está vinculada, às demais áreas e disciplinas. Porém, ainda faltam alguns nós a serem desamarrados e ajustados aos novos rizomas.

O sinonímico e o simétrico

A arte quando relacionada ao simétrico é aceitável, aliás, é esperada. A harmonia, o equilíbrio e a busca por uma estética perfeita, faz com que o estilo seja lembrado e reverbera. A ordem e beleza são evocados pelos artistas a fim de que as composições tragam a sensação de estabilidade. Quando relacionamos essa perspectiva, damos possibilidade ao estudo para além do período do parnasianismo, mas também, na arte renascentista (não iremos nos aprofundar, mas mostramos mais uma das possibilidades que pode ser objeto de reflexão).

As proporções harmoniosas vão além do eixo arte-simetria; o simétrico, também, pode relacionar-se ao linguístico. Mais à frente, falaremos sobre a semântica e, aqui neste estudo, nos dedicaremos a um dos seus fenômenos, a sinonímia, por isso desde a introdução deste material estamos ambientando o cenário para receber essa nova linha de fuga/flexível/rizomática.

Existem algumas propriedades que acionamos quando trabalhamos, em linguística, a sinonímia, dentre as quais apresentaremos no quadro que segue:

Quadro 1 – Significado de sinonímia em vários níveis

Cançado (2015, p. 47)	Ferrarezi Jr. (2008, p. 157)	Ferrarezi Jr. (2019, p. 89)	Ferreira (2022, p. 16)	Gavioli-Prestes (2015, p. 77)	Tamba (2006, p. 89)
A sinonímia lexical ocorre entre pares de palavras e expressões; entretanto, definir exatamente essa relação é uma questão complexa, que vem perseguindo estudiosos da linguagem há séculos.	[...] as línguas naturais possuem algumas palavras que, em certos contextos e em certos cenários, podem ser substituídas uma pela outra sem muito prejuízo no sentido desejado. Essas	A sinonímia tem sinonímia tem sido comumente apresentada como uma propriedade das palavras. Não raramente, lemos: ‘Sinônimos são duas palavras de sentidos iguais’. Esse seria	Sinonímia diz respeito à associação de duas formas distintas ao mesmo significado.	[...] sinônimos perfeitos só podem ser encontrados em certos termos científicos, por exemplo, quando se afirma que H ₂ O é sinônimo de água, porque o termo técnico é criado artificialment e na língua justamente para se referir ao objeto de	No uso corrente, chamam-se <i>sinônimas</i> palavras diferentes de mesma categoria gramatical e de sentido quase equivalente.

	palavras que têm sentidos semelhantes em algumas situações são chamadas de sinônimas.	um conceito para a chamada 'sinonímia perfeita'.		forma não marcada.	
--	--	---	--	-----------------------	--

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Os conceitos ao estarem em um mesmo horizonte de significação, pertencentes a mesma área do conhecimento, auxiliam no diálogo interdisciplinar. Ao darmos chance de relacionarmos os preceitos da simetria com a dimensão semântica da sinonímia, ampliamos a aprendizagem do estudante, começando na sala de aula, mas não ficando apenas nesse cenário.

A busca pelo equilíbrio sinonímico continua, tanto que para dar a chance de conhecermos as diferentes conceituações teóricas, colocamos a disposição 6 conceituações, a fim de manter o simétrico (afinal, se dividirmos ao meio, formam duas ou três partes iguais). Na verdade, neste caso, são uniformes, já que as noções representadas no quadro anterior não são simetricamente iguais, mas trazem um ponto de convergência que mesmo que seja dividido, mantém uma regularidade quanto ao fenômeno da sinonímia.

A ideia de sinonímia dentro do estudo sobre simetria, que por sua vez encontra-se inserido no estudo sobre “A representação da burguesia na Arte” (CAMPOS et al, 2020, p. 62) faz com que pensemos nessa relação como uma correspondência, com nuances metafóricas e não diretas. A equivalência sinonímica pode ser percebida, também, na correlação estrutural de objetos, como na pintura (*Cena de Família de Adolfo Augusto Pinto, 1891*).

Os nós, entre nós, e as palavras

Quando propomos uma nova perspectiva rizomática por meio do estudo de uma atividade proposta no Livro Didático (LD) em uso, neste caso o “Multiversos Linguagens: cidade em pauta” (2020), mesmo sem nomearmos, trazemos à superfície uma discussão que é à luz da interdisciplinaridade. O professor, em sala de aula, tem como uma das principais premissas ensinar o aluno, mas ensiná-lo a problematizar e trazer à tona conhecimentos para além do que está previsto no LD.

Por entendermos a relevância de darmos voz às várias disciplinas, nesta breve análise trouxemos a arte, linguística e nuances da matemática, mesmo que em uma atividade voltada para a área de linguagens, estamos nos baseando no preceito interdisciplinar. O padrão, no ensino tradicional, voltando-se apenas para o conteúdo proposto no LD; é um paradigma sociocultural, mas o conhecimento vai além do ambiente escolar, e por esse motivo, tentamos trazer novas possibilidades.

Pensar nessas questões, que fazem parte da característica interdisciplinar, é entendermos que quando há uma visão fragmentada do conteúdo, estamos ligados a uma razão absoluta da atividade, e essa visão que restringe, sendo prejudicial para o próprio conhecimento. Assim,

A visão fragmentada levou os professores e alunos a processos que se restringem à reprodução do conhecimento. As metodologias utilizadas pelos docentes têm estado assentadas na reprodução do conhecimento, na cópia e na imitação. A ênfase do processo pedagógico recai no produto, no resultado, na memorização do conteúdo, restringindo-se em cumprir tarefas repetitivas que, muitas vezes, não apresenta sentido ou significado para quem as realiza (BEHRENS e RODRIGUES, 2013, p.23).

Quando acionamos outros conhecimentos, esses advindos de outras disciplinas para além da abordagem da área da linguagem, chamamos para o centro o que Behrens e Rodrigues (2013) definem por “abordagem holística ou sistêmica”. Essa, por sua vez, alcança o coletivo na tentativa de superar a visão fragmentada, nesse caso, focada apenas na atividade proposta no LD em uso, mesmo que ao final a produção seja do aluno, mas esse é afetado de maneira particular pelo coletivo.

Dessa forma, “nesta abordagem o professor busca a superação do paradigma da fragmentação e não busca apenas ultrapassar a reprodução do conhecimento, mas fazer com que o indivíduo produza conhecimento” (BEHRENS e RODRIGUES, 2013, p. 07).

Além da abordagem mencionada anteriormente, Behrens e Rodrigues (2013) trazem a “abordagem progressiva”, indicando como sendo uma prática interdisciplinar que tem como premissa uma prática – em sala de aula por intermédio do docente – crítica, reflexiva e transformadora. Essa perspectiva traz uma relação horizontal entre professor e alunos, visto que o professor é, também, um sujeito ativo que busca levar o estudante a questionar a prática tradicional.

Assim, “[...] a escola dessa abordagem precisa oferecer diálogo que vise o enriquecimento em forma de troca. O aluno é um sujeito autônomo, crítico, está sempre em processo, jamais acabado e busca fazer relações com o mundo que o cerca” (BEHRENS e RODRIGUES, 2013, p. 08).

Pensar nessa interrelação é nos colocarmos no lugar do outro, esse é, inclusive, um conceito semântico. Se toda parte (atividade proposta no Livro Didático) está inserida em um todo, não é possível dissociá-las, pois sempre há uma interferência (de outras disciplinas). Por interferência, em uma primeira instância, podemos acabar relacionando a definição da palavra como algo negativo, mas pode ser uma chance de falarmos sobre a forma como as coisas significam no/para o mundo, a partir da leitura e reflexão de uma atividade.

A interdisciplinaridade, quando vista sob à luz da semântica, traz outras (muitas) linhas rizomáticas. Uma das nuances foi mencionada anteriormente, quando indicamos a ação de nos colocarmos no lugar de outrem, sejam outras disciplinas do currículo escolar ou de pessoas.

Fazendo um breve parênteses, até mesmo para situarmos em que âmbito a simetria proposta nesta discussão pode ser relacionada ao fenômeno semântico da sinonímia, podemos dizer que para compreendermos a perspectiva de nos colocarmos “no lugar de”, precisamos entender o que é semântica. Para a educação básica, quanto ao ensino de língua materna, Ferrarezi Jr. (2008, p. 21) afirma que “historicamente, a semântica tem sido definida como a ciência que estuda o significado”.

Como rizomas desse eixo, dentro da semântica, existem outros caminhos, dentre eles, a semântica de contextos e cenários (SCC). Assim, “segundo a concepção que orienta a SCC, a semântica é a ciência que estuda as manifestações linguísticas do significado” (FERRAREZI JR., 2008, p. 21).

Esse rizoma traz novas possibilidades, indicando que não há apenas o significado como ponto focal semântico, mas também, o sentido. O sentido é uma das manifestações linguísticas; é sentimento; o mesmo sentir que temos ao olharmos, por exemplo, para uma pintura, seja ela a *Cena de Família de Adolfo Augusto Pinto, 1891*, de Almeida Júnior.

A SCC integrada ao conceito do que é a semântica, funciona como um sistema de representação de mundo, tal como na discussão proposta inicialmente. Então,

Ao permitir-se colocar ‘no lugar de’, independentemente das imagens mentais, sensações, objetos socializados ou individualizados, valores de verdade ou referências, ou qualquer outra coisa, a língua assume as mais diferentes funções que se possa identificar nas diferentes abordagens tradicionais: a de referenciar, a de criar mundos possíveis, a de atribuir, a de funcionar no ambiente cultural e social [...] (FERRAREZI JUNIOR, 2010, p. 13)

O sentido acionado pela SCC é individual, assim como a produção do aluno, ainda que esse tenha afetos e perceptos do meio em que está inserido. Tudo que é externo interfere em nossa vida, principalmente no âmbito educacional.

A desordem, que ora fora chamada de interferência, não é oposta a ordem, é uma parte integrante de um sistema complexo, podendo gerar novas formas de organização e inovação. Fugir da redoma do Livro Didático (LD) é dialogar com as incertezas, visto que o que está proposto no material didático é o que preconiza-se como verdade absoluta, mas trata-se de uma possibilidade rizomática.

É importante destacarmos que o sentido semântico é, também, interdisciplinar, pois quando há “o sentido do ser” é um conceito que traz em suas bases de sustentação a antropologia filosófica, essa discutida por Fazenda (2003). Ao tratarmos da área de linguagens, como é a área do *corpus* estudado neste momento, concordamos com Fazenda (2003) ao entendermos que “o propósito fundamental da linguagem é elaborar asserções sobre o mundo” visto que “para compreender-se o pensamento, tem-se que compreender a linguagem, pois é nela que o pensamento encontra sua expressão” (p. 11).

Essa realidade do indivíduo que é proposta por Fazenda (2003) confirma que a linguagem inter-relaciona-se com o mundo real das coisas. Esse princípio dialógico, que só é possível por meio da interdisciplinaridade, é uma perspectiva traçada por Morin, e que Fazenda (2003, p. 27) indica, também, como “antropologia cultural” ou “o sentido de pertencer”.

Questionamentos do tipo: como a cultura interfere em nossa compreensão? Podemos relacionar a cultura artística, a pintura, com a compreensão linguística sobre “A representação da burguesia na Arte” (CAMPOS et al., 2020, p. 62). Além disso, é pensarmos que o sentido que o estudante irá atribuir a partir da reflexão dessa atividade, está relacionado com as conexões sociais e culturais desse indivíduo.

A antropologia cultural enfatiza a diversidade das experiências humanas. O conceito de pertencimento, a conexão emocional e social dos indivíduos com seu grupo social, são estabelecidos por meio de uma integração de saberes e não justaposição de conhecimentos, e “[...] isso nos leva à seguinte colocação: a palavra tem um sentido” (FAZENDA, 2003, p. 32). Esse mesmo sentido é visto à luz da semântica, o que dá margem ao estudo sobre sinonímia.

Então, pensar em formas que deem sentido para a aprendizagem do estudante em sala de aula, por meio do intermédio do docente, é possível, levando em consideração que a interdisciplinaridade está fundamentada no dialogismo, no sentido do fazer, na intencionalidade, que está presentificada na atividade do Livro Didático em uso e *corpus* desta pesquisa.

Criando novos nós

No decorrer da exposição e indicação das possibilidades rizomáticas, trouxemos à tona, também, aspectos à luz da filosofia, mais uma vez trazendo para a reflexão em trono da atividade “A representação da burguesia na Arte” (CAMPOS et al., 2020, p. 62). Os aspectos filosóficos podem ser acionados para além da interpretação proposta no Livro Didático (LD).

Na seção anterior, que falamos sobre “os nós, entre nós, e as palavras”, indicamos de que maneira a interdisciplinaridade é constatada e pode ser percebida a partir de uma atividade curricular. Antes, a filosofia estava presente em nuances a fim de explicar de que maneira as disciplinas conseguiam entrelaçar-se em uma equivalência, mas percebemos que ainda existem outros nós.

A área de linguagens (Multiversos linguagens: cidade em pauta, 2020) pode relacionar-se com a de Humanas (âmbito da filosofia). A relação existente entre nós e as palavras são de fato como nós (amarrações), assim como Deleuze (1997) explica ao dizer que é por meio das palavras, entre as palavras, que somos capazes de ver e ouvir.

O que está escondido por trás dessas palavras, faz com que pensemos que aquele que as escreve torne-se multifuncional, criando acontecimentos que são capazes de ultrapassar a fronteira da linguagem, propondo reflexões em torno do literário, da matemática, da arte e, ainda, da filosofia.

Considerações finais

Quando conexões significativas são propostas a partir de um eixo central, neste caso uma atividade do Livro *corpus* desta pesquisa, é possível dar novas possibilidades rizomáticas ao fazer educativo. O ato pedagógico, mediado pelo material didático, ultrapassa o superficial do conteúdo, focando em outros propósitos.

Ao propormos uma discussão em torno do LD “Multiversos linguagens: cidade em pauta”, componente curricular do Ensino Médio, buscamos mostrar as possibilidades de inter-relacionar algumas outras disciplinas, para além das que fazem parte da área de linguagem. Observamos que esse diálogo foi possível, bem mais do que o que imaginávamos ser.

Para além do simétrico o sinonímico, observamos que é possível e preciso transformar o sujeito que vive no mundo. Pois esse indivíduo/estudante é múltiplo assim como suas vivências. Começamos com o simples, e medida que íamos nos deparando com os direcionamentos dados ao livro didático usado em sala de aula, mais do que ver,

enxergávamos a amplitude que uma atividade era capaz de proporcionar, fazendo desse um movimento articulador e rizomático.

As disciplinas compartilham as palavras, mas apresentam-se com diferentes papéis, por isso que as “[...] coisas e palavras se dispersam em todos os sentidos ou, ao contrário, soldam-se em blocos indecomponíveis” (DELEUZE, 1997, p. 31). Porém, na mesma medida, há um entrelaçamento entre elas. Ver e ouvir o mundo sob essas perspectivas, possibilita aos estudantes criarem novas realidades interdisciplinares diante do mundo que vivem e convivem, afetando-o e sendo afetados por ele.

Referências

- BEHRENS, Marilda Aparecida; RODRIGUES, Daniela Gureski. **Paradigma emergente: um novo desafio**. 2013.
- BILAC, Olavo. Cyclo. In.: **Tarde**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1919. p. 12-13.
- CAMPOS, Maria Tereza Rangel Arruda *et al.* **Multiversos linguagens: cidade em pauta**. Ensino médio. 1. ed. São Paulo: FTD, 2020.
- CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- CENA de Família de Adolfo Augusto Pinto. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/81687-cena-de-familia-de-adolfo-augusto-pinto>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2025. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997. 176 p.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010. 272 p.
- FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.
- FERRAREZI JR., Celso. **Semântica para a educação básica**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

- FERRAREZI JR., Celso. **Semântica**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.
- FERRAREZI JUNIOR, Celso. **Introdução à semântica de contextos e cenários**: de la langue à la vie. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.
- FERREIRA, Marcelo. **Semântica**: uma introdução ao estudo formal do significado. São Paulo: Contexto, 2022.
- GAVIOLI-PRESTES, Cindy Mery. **Introdução à sintaxe e à semântica da língua portuguesa**. Curitiba: InterSaberes, 2015.
- GOMES, Natália Cristina de Aquino. **Cena de família de Adolfo Augusto Pinto – Um estudo sobre o retrato coletivo de Almeida Júnior**. XI EHA – Encontro de História da Arte – UNICAMP, 2015.
- LOPES, Lidiane Schimitz; ALVES, Gilson Leandro Pacheco; FERREIRA, André Luiz Andrejew. **A simetria nas Aulas de Matemática**: uma proposta investigativa. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 549-572, abr./jun. 2015.
- TAMBA, Irène. **A semântica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Recebido em: 24 de junho de 2025.

Publicado em: 20 de dezembro de 2025.